



O lobo apanhado na ratoeira

Julgamos inutil fazer a descripção detalhada a respeito d'este animal carnívoro. Todos sabem, ainda mesmo sem ter estudado a historia natural, que o lobo se assimelha muito ao cão, e que é difficilimo de domesticar.

Apresentando aos nossos leitores a estampa d'um lobo apanhado na ratoeira, limitamo-nos a dizer que este animal feroz vendo-se assim preso, aterrorisa-se e desanima-se a ponto de se fazer d'elle tudo que se quizer, sem que elle procure defender-se, nem mostre sequer descontentamento.

O PRINCIPE EUGENIO DE BEAUHARNAIS

e as memorias que lhe são relativas.

... ab auditione mala non timebit.

Ps. CXI 7.

XIV

Das *Memorias e correspondencia politica e militar do Principe Eugenio* desprenderemos algumas cartas particulares, e alguns documentos officiaes, relativos ao acontecimento extraordinario da vida de Napoleão, o memoravel *divorcio*.

Em tão melindroso assumpto, devemos deixar fallar os documentos que encontramos nas mencionadas *Memorias*, e se referem ao principe Eugénio e a sua esposa.

—No dia 26 de novembro de 1809 escreveu Napoleão ao principe Eugénio a seguinte carta, datada de Paris:

—Meu filho. Desejo que partaes de Milão, de modo que chegueis a Paris no dia 5 ou 6 de dezembro. Trazei sómente tres carruagens, e

quatro ou cinco pessoas do vosso serviço de honra. Passae por Fontainebleau. Tudo isto, porém, no presuppôsto de que acontecimentos maiores vos não impêçam de partir. =

No dia 6 de dezembro chegou Eugénio a Fontainebleau, e na manhã do dia 7 a Paris. De Fontainebleau escreveu a sua illustre esposa nos seguintes termos:

=Cheguei esta manhã, minha querida Augusta. Minha irmã veio ao meu encontro, ainda para diante de Fontainebleau; e como eu havia de chegar a Paris de noute, quiz antes ficar aqui. Muito feliz fui em encontrar minha irmã. — Não pude declarar-te, minha amiga, os motivos da minha jornada, porque eu proprio os ignorava... É indispensavel, para socego do Imperador, que tudo termine convenientemente. De mais me conheces tu, para saberes a posição em que me acho. O que n'esta conjunctura me dá coragem, é a idéa de que possuo o teu coração, e de que os teus sentimentos para comigo são, como a tua alma, superiores aos acontecimentos. — Vi esta noute o rei de Saxonia; fallámos muito de ti. — Hei de fazer amanhã as minhas visitas de etiqueta; não sei a que horas acabará essa tarefa. — Adêus, minha boa amiga, amo-te para toda a vida, bem como os nossos dois caros filhos. Estarei de volta a Milão mais cedo do que esperava. =

Apenas Eugénio chegou a Paris, foi ter com o Imperador, e logo depois com a Imperatriz. A entrevista com esta ultima foi em extremo dolorosa, como é facil de adivinhar. Eugénio, porém, e não obstante sentir o que havia de penoso na separação dos dois conjuges, entendeu

que importava muito á tranquillidade e á saude de sua mãe o mais prompto desenlace da delicadissima questão do divorcio. Resolveu-se, pois, a pedir a Napoleão que tivesse uma entrevista com a Imperatriz, sua esposa, afim de que ambos, na presença d'elle Eugénio, se explicassem de um modo positivo, leal e cathegórico. Conveio n'isso Napoleão; e de feito se verificou n'aquella noute a sollicitada e indispensavel entrevista.

Napoleão fez ver que o divorcio era uma necessidade impreterivel da sua politica, e uma resolução indispensavel para a estabilidade e até para a tranquillidade do imperio.

A Imperatriz Josephina respondeu que, visto ser o divorcio necessario para a felicidade da França, todas as demais considerações deviam ceder o passo áquella; e que, em taes termos, estava prompta para sacrificar-se pelo seu paiz. Mas immediatamente, e em acto continuo, com os olhos arrasados de lagrimas, exclamou: «Desde que se effectuar a nossa separação, hão de ser votados ao esquecimento os meus filhos... Fazei Eugénio Rei da Italia; assim ficará tranquillada e satisfeita a minha ternura de mãe, e a vossa politica será applaudida pelas potencias estrangeiras, creio eu.»

Eugénio, ao ouvir esta espécie de supplica, que sua mãe endereçava ao Imperador, tomou immediatamente a mão a fallar, e pediu — com a mais calorosa animação — que não se tratasse da sua pessoa n'este negocio: *nem o vosso filho, acrescentou o pundonoroso principe, quereria uma corôa, que fôsse o preço da vossa separação. Se acetaes as vontades do Imperador, não penseis senão no que pessoalmente vós diz respeito.*

Mal o principe havia proferido estas nobres palavras, disse Napoleão: *Reconheço o coração de Eugénio: com razão confia elle na minha ternura!*

Desde que a Vice-Rainha da Italia, a digna esposa do principe Eugénio soube — pelas cartas de seu marido — a tristissima noticia do divorcio, deu-se pressa em escrever a seu illustre marido esta bella carta, que tamanha honra faz a ambos:

«Não sei o que te escrevi hontem, meu terno e querido esposo... A noticia do divorcio affligio-me, mortificou-me; e a minha dôr é tanto mais forte, quanto eu soffro unicamente por causa de ti. Ponho na mente a tua triste posição, e, ainda que de longe, vejo estampada a alegria nos semblantes d'aquelles que nos têm feito tanto mal. Succeda, porém, o que succeder, é certo que não pôdem tirar-te uma reputação sem mancha, e uma consciencia sem nota. Não merecêste *essa* desgraça, e digo *essa*, porque nos reservam outras; mas eu... estou preparada para tudo; de nada terei pena se me ficar a tua ternura; antes, pelo contrario, dar-me-hei por muito feliz, se poder provar-te que só por ti, e não por outras considerações, te amo. Se nos riscarem da lista dos *Grandes*, inscrever-nos-hão na dos *Felizes*... e não vale isto muito mais?... Não escrevo a tua pobre mãe... e que poderia eu dizer-lhe? Dá-lhe a certeza do meu respeito e da minha ternura. Dizes-me que voltarás em breve; consoláram-me estas palavras, e espéro-te com impaciencia. Não creias que me deixe abater; não, meu Eugénio; a minha coragem eguala a tua, e quero provar-te que sou digna de ser tua

esposa. Adeus, caro amigo, continúa a liberalisar-me a tua ternura, e creê no amor que te consagrei até ao derradeiro instante da minha vida.» =

— Se ha sobre a terra sentimentos nobres, virtude, varonil coragem, e verdadeira magnanimidade... eis ahi esses preciosissimos dotes na alma de uma princeza illustre, revelados em uma carta intima, que devêra ser gravada em letras de ouro, e offerecida como lição a todas as creaturas humanas!... Mas não esqueça aos que lêrem este inestimavel documento, ponderar o quanto de verdadeiro merecimento havia no homem, que excitava tamanha admiração e estima no coração de uma mulher sublime!

— De todos os discursos que fôram proferidos por occasião do *Divorcio*, apenas tomarêmos nota do que Eugénio recitou no Senado, e que se nos affigura ser um modelo de eloquencia no seu género, e ao mesmo tempo de sensatez e bom juizo. Quando chegou a sua vez de fallar n'aquella sessão apparatusa e solemne, disse o principe Eugénio:

«Ouvistes ler o projecto de *Senatus-Consulto*, que vae ser submittido á vossa consideração. Julgo do meu dever, n'estas circumstancias, manifestar os sentimentos de que a minha familia está animada.

«Minha mãe, minha irmã, e eu, devemos tudo ao Imperador. Tem sido para comnosco um verdadeiro pae, e hade encontrar em nós, em todos os tempos, filhos dedicados e subditos submissos.

«Importa á felicidade da França que o fundador d'esta quarta dynastia chegue aos dias da velhice, rodeado de uma descendencia directa, que seja uma fiança para todos, e um penhor da glória da patria.

«Quando minha mãe foi coroada por toda a nação, pelas mãos de seu augusto esposo, contrahio a obrigação de sacrificar todas as suas affeições aos interesses da França; e esse principal dever desempenhou ella com toda a coragem, nobreza e dignidade. Por vezes se enterneceu a sua alma, ao ver em lueta contra penosos combates o coração de um homem acostumado a senhorear a fortuna, e a marchar sempre firme no cumprimento dos seus gloriózos destinos. As lagrimas que esta resolução custou ao Imperador são quanto basta para a glória de minha mãe. Na situação em que vae achar-se, não ficará ella indifferente, pelos seus votos e sentimentos, ás novas prosperidades que nos aguardam. Hade ver, com satisfação e orgulho, tudo o que os seus sacrificios houverem de produzir em beneficio da sua patria e do seu Imperador.» =

— Ainda nos falta tomar nota de outros documentos, e apresentar algumas breves ponderações a respeito do acontecimento de que se trata: o que será o assumpto do artigo immediato.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

MARTYR DE AMOR

X

(Continuado de pag. 368)

Eu não creio que possam aninhar-se no coração da mulher sentimentos menos generosos, quando elle sáe de escutar as divinas harmonias dos maestros. O theatro lyrico é a ante-sala do

paraíso, e as melodias dos grandes genios côm no coração não sei que doces sentimentos de ineffavel ternura.

A porta de S. Carlos é só um inferno para os que jámais alcançaram sequer commover a mulher de quem esperam uma esmola de amor.

E depois, as palavras insinuantes de D. Henriqueta, que era no camarote a companheira e interlocutora da gentil e caprichosa menina, também se lhe haviam inoculado docemente no espirito, de modo que a nuvem de sarcasmo, que tinha envolvido a imagem de Claudio ao findar da opera, fôra-se dissipando brandamente no transito dos corredores.

Demais era tão supplicante, tão submissa, tão expressiva a physionomia gentil do moço aspirante; dizia tanto de sentimento o seu olhar languido e transparente, que a famosa Lucia enlaçou insensivelmente na sua imaginação phantasiada o aspecto moral do pobre moço ao da desditosa amante, a cuja lyrica historica acabava de assistir, e a eloquencia da musica fez-lhe sentir bem no intimo todas quantas dores pôde derramar n'alma o desespero d'uma paixão mal correspondida!

O espirito tem ás vezes d'estes reviramentos!

Esqueceu-lhe o ridiculo do scenario de papelão; o confronto deploravel entre Sapho e Claudio desvaneceu-se também; tudo aquillo, que no mundo real do tablado scenico impressionára em má direcção o seu animo susceptivel, se deluiu, porque assim o digamos, na immensa significação do facto moral, que aquelle libretto significa e que aquella encantadora musica traduz: — a dôr immensa de um amor desdenhado; a morte d'alma nos paroxysmos de um infinito soffrimento!

Por isso, quando pôz o pé no estribo da sua carruagem, a gentil menina ia mais triste e concentrada do que nunca. Quando D. Henriqueta lhe dirigiu durante o caminho algumas palavras vagas e genericas ácerca do desempenho ou do merito dos artistas, encontrou-a distraída e quasi indifferente nas breves respostas. O genio galhofeiro e a jovial conversação de Christovam também não lograram despertá-la melhor da abstracção em que caíra depois que se recostára nos molles coxins da carruagem.

Ao chegar á porta da sua habitação, disse, despedindo-se de D. Henriqueta:

— Venha passar o dia amanhã comnosco, minha amiga, preciso conversar muito comsigo.

O convite destoava tanto da silenciosa isenção, que guardára durante todo o trajecto do theatro a casa, que D. Henriqueta não pôde ferrar-se de dizer a Christovam, mal ficaram sós dentro do trem:

— Que teria Lucia? Que mudança subita se operou n'aquelle espirito!

— Alguma paixão repentina pelo mais imbecil dos janotas que viu á saída do theatro, disse Christovam rindo.

— Não creio que tão pouco lhe impressionasse de tal modo o animo.

— Julgas então que soou a hora da redempção para o nosso pobre Claudio?

— Não julgo! tenho a certeza! Vi um raio de alegria nos olhos d'elle e o coração raras vezes se engana.

— Desconfio da tua boa fé.

— E eu creio na minha influencia!

— E o que te leva a advogar com tanto empenho esta causa?

— A amizade que consagro ao teu amigo e o conhecimento que tenho da bondade do seu coração.

— E julgas que hão de ser felizes?

— Não o somos nós também, apesar dos desfavoraveis horoscopos que o mundo fazia a nosso respeito?

— Tens razão! exclamou Christovam, tomando as mãos de D. Henriqueta e depondo-lhe um beijo na face côr de rosa.

XI

Influxo diabolico

A asserção de D. Henriqueta compendiava em si a historia do seu amor. Coração bom e virtuoso, alma de anjo, e resignação de martyr, tomára o empenho de salvar do abysmo da devassidão, onde o arrastava a inexperiencia da idade, o mancebo que lhe despertára no intimo a faísca d'esse sentimento de ineffavel delicia que se chama o amor.

Fôra longa a serie de soffrimentos que colheu em paga d'aquella sua dedicacção de irmã de caridade de um enfermo moral; e teve muitas vezes de diluir em lagrimas as dores que, na inefficacia do seu empenho, lhe alancearam o coração de amante. Santas lagrimas que foram o baptismo da graça para o desregrado moço.

Perseverou o amor de Henriqueta e venceu! Alma de mãe, abriu as azas do seu suavissimo affecto e acolheu no seu doce calor o coração do mancebo, quando os desenganos e a saciedade da vida de dissolução o haviam regelado! O seu affecto desentranhou-se então em caricias e afagos, como os da materna sollicitude para filho mal convalescido de perigosa enfermidade, e salvou o. Aquelle espirito puro e immaculado da mulher virtuosa concentrou-se em luminoso phanal para guiar ao bom caminho o mancebo naufragado nas procellas da sociedade, e alcançou conduzi-lo ao porto. Foi rude a provação mas foi gloriosa!

Fanfarrão do vicio, mais do que indole naturalmente viciosa, como tão frequentemente acontece aos moços inexperientes, que julgam encontrar nos clarões da orgia uma aureola de heroes, Christovam ter-se-ia despenhado, se o anjo salvador lhe não desse a mão já á beira do abysmo; mas, espirito formado para o bem, honra impolluta no charco da devassidão em que mergulhava, como alvo cysne a que não mancha o lodo do tanque em que se banha, o mancebo, depois de vencida a tenacidade da cegueira, pela tenacidade da dedicacção, abriu os olhos á verdade, deslumbrado de tão esplendido luzeiro, como o irradiado do sentimento d'aquella santa mulher que puzera todo o empenho da sua vida em resgatal-o aos olhos da sociedade; e curvou-se reconhecido e regenerado sob o influxo maravilhoso do seu poderio.

(Continua)

C. B.

O HOMEM, OS HOMENS, OS GRANDES HOMENS

Alguns pensamentos philosophicos

¿Haverá acaso alguma differença entre as expressões: *O homem*, e *Os homens*? Sim; e com bastante precisão a marcou o douto e elegante

cardeal Saraiva, no *Ensaio sobre alguns synonymos da lingua portugueza*.

O *homem* entende-se por toda a comprehensão da idéa da natureza humana; *os homens*, por toda a extensão dessa idéa, isto é, pela collecção de todos os sujeitos, a quem ella compéte.

O *homem* entende-se o typo original da natureza; *Os homens* entende-se esse typo alterado por immensos accessorios, que ás vezes o tornam quasi desconhecido a si mesmo e aos outros. — Em abono d'esta differença adduz o insigne philólogo os seguintes pensamentos de dois philosophos: *O homem* é bom: mas *os homens* são máus. — Os philosophos ordinariamente conhecem muito melhor o *homem* do que *os homens*.

— Natural transição nos offerecem estes dois exemplos para tomarmos nota de alguns pensamentos, que diversos escriptores nos fornecem a respeito do *homem*, dos *homens*, e dos *grandes homens*.

O famoso publicista Bonald formulou do modo mais conceituoso esta bellissima definição philosophica: — *O homem é uma intelligencia, que tem ao seu serviço órgãos materiaes.*

O *homem*, disse Ségur, *vive de continuo sujeito a duas forças oppostas, que alternativamente o arrastam: o attractivo da novidade, e a influencia do habito.*

— Desprendâmo-nos agora da essencia do typo da humanidade, e passêmos á consideração do estado, da segunda natureza do homem, já transformado pelas relações sociâes, pelas paixões, pelos interesses.

«*Os homens* (disse um pensador) assemelham-se áquelles viajantes, que, devorados pela sede, chegam por fim a encontrar a agua porque suspiravam; logo, porém, que se refrigeram, e saciam a sede, voltam immediatamente as costas á fonte.»

¿ Não quererá isto dizer que os homens, apenas salvos do perigo, se esquecem logo de que elle póde repetir-se?

¿ Não quererá dizer que os homens são ingratos, e voltam as costas aos bemfeitores, apenas recebem o beneficio?

— Ouçâmos tambem o que se tem dito a respeito dos denominados — *grandes homens*, e particularmente daquelles, a quem nos tempos modernos se deu a designação caracteristica de — *genios dominadores*.

Algures disse Lacretelle: — «O genero humano tem necessidade de *grandes homens*; se bem que por vezes lhe seja bem funesto um tal presente. — Dir-se-hia que a força concedida a esses entes privilegiados póde vir a constituir a nossa propria força, e que o pedestal delles nos érgue e alevanta.»

A ultima parte deste pensamento é méra poesia, como fácilmente o penetram os leitores; a primeira parte, porém, apresenta-nos a expressão de verdades que a experiencia confirma. Os grandes homens são mais que necessarios, são indispensaveis ás associações politicas; mas a historia nos offerce exemplos de que ás vezes são funestos á humanidade.

Esses génios, disse Chateaubriand, esses génios, nos quaes comêça uma nova ordem de cousas, quér para bem, quér para mal, são solitarios, não se perpetuam senão pelas suas obras, e já-mais pela sua descendencia.

No mesmo sentido refére Cousin a resposta de Napoleão I á pessoa que lhe fallou da necessidade de preparar pela educação o principe que o havia de substituir um dia:

— A um soldado, que chegára a assentar se n'um throno, disse alguém: Senhor! é necessario vigiar attentamente a educação de vosso filho; cumpre que o eduquem com esmero..... que hade elle vir a substituir-vos — *Substituir-me!* acudio o soldado; *nem eu proprio poderia substituir-me: sou filho das circumstancias!* —

E o mesmo Cousin acrescenta, como reflexão de sua lavra:

— Napoleão (que assim se chamava o soldado feliz) sabia bem que o poder lhe havia sido confiado para um determinado fim, e até chegar uma hora, que elle próprio não podia antecipar nem retardar. —

Cáusa realmente estranheza, que um philósofo illustre, um espirito grandemente cultivado, um pensador reflexivo, Cousin, finalmente, se contentasse com palavras que nada significam!

¿ Póde acaso conceber-se que, por um decreto da Divindade, por um *fiat* da Providencia, fossem outorgados poderes a um homem para pelear batalhas, para sacrificar victimas innúmeras ao seu engrandecimento, para atrahir á França duas invasões, e a final, para ir morrer captivo em um rochedo inhóspito?

¿ Para que é recorrer a explicações mysticas e declamatórias, que não sustentam a análise da critica, — quando aliás é facillima e muito natural a explicação da historia do *soldado feliz*?

Esse grande homem tinha uma extraordinaria capacidade intellectual; nas cousas da guerra e da administração possuia o que se chama *génio*; mas era maior que tudo isso a ambição que o devorava. No exercicio de illimitada liberdade de acção, e á força de audácia, foi subindo, subindo, até que a sua propria cegueira, resultado de uma infatuação colossal, o precipitou no abysmo.

— Não, não acredito na *missão providencial dos genios dominadores*.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

SERMÃO EM S. PAULO

A cerimonia que faz o assumpto d'esta gravura teve lugar em 1620 no cemiterio da antiga cathedral de S. Paulo, em Londres. No primeiro plano vê-se o pulpito occupado pelo bispo de Londres, prégando na presença de Jacques I, da rainha e do principe Carlos, que assistiram a esta predica tomando assento no pavilhão para este fim armado junto da cathedral. No cemiterio grande numero de cadeiras foram occupadas por individuos de todas as classes.

A prédica de S. Paulo não era exclusivamente consagrada á instrucção dos fieis; Ricardo III serviu-se d'ella para appoiar os seus ambiciosos projectos; Jane Shore foi forçado a soffrer ali a nota de infamia diante de todo o auditorio; a validade do primeiro casamento de Henrique VIII foi atacada, e os direitos de Maria e de Elisabeth calorosamente discutidos.

A ultima prédica que teve lugar foi a de que tratâmos, e teve por fim as reparações da igreja. Logo que terminou o sermão o rei foi ao pa-



Sermão em S. Paulo

lacio episcopal e ali ouviu o conselho sobre o assumpto sujeito, e decidiu-se lançar uma collecta em todo o reino para ser applicada á continuação das obras; mas esta collecta foi recebida com muita difficuldade, e as obras só recommçaram em 1633.

Parece que este edificio, muito antigo, estava n'um completo estado de degradação. Começado por Mauricio, bispo de Londres, no reinado de

Guilherme o Conquistador, soffreu, ainda antes de concluido, muitos accidentes, e entre elle mais de um incendio. Quando se tomaram as dimensões d'este magnifico edificio, em 1312, o seu comprimento era de 700 pés, e a sua altura comprehendendo a torre e a flecha de 520. Antes da sua completa destruição, que teve logar por occasião do grande incendio de Londres, havia sido destruido, em parte, por um raio.

Apesar de todos estes contratempos em, 1675 foram lançados os primeiros fundamentos d'um novo edificio, que se concluiu em 1710. Carlos II deu 1,000 £ por anno, e o parlamento lançou um direito sobre o carvão que entrava no porto de Londres, sendo uma parte destinada para as obras d'este templo e o resto para a de outras egrejas que tinham sido pasto das chammas.

O AMIGO DE LER

Feliz o que póde ler, mas o que se chama ler, tranquillamente, com a cabeça descansada, sem ter uma tarefa que o reclame, um negocio que o solicite, um toque de campinha imperioso que venha quebrar o encanto d'essa doce occupação, que não é trabalho e que todavia não é ociosidade!

Quantos escriptores, separando o *sylvasque amem inglorius* do objecto a que Virgilio o applicou, o transferiram dos bosques para a sua bibliotheca! Que felicidade experimentaríamos, passando ali os seus dias inglorios, no contacto de todos os admiraveis genios que, com feliceira penna, escreveram tão bellas obras!

Haverá emprego tão agradável como formar cada um a sua bibliotheca? Na minha só admitirei escriptores de eleição.

Odi profanum vulgus et arceo. Odeio o profano vulgar dos escriptores mediocres e afasto-os das estantes, que sómente devem ser preenchidas pelos meus auctores favoritos. Cada um d'aquelles elevados engenhos tem logar determinado, d'onde sem hesitação e difficuldade os tiro por minha mão. São elles — segundo o que mais me agrada — Homero, Bossuet, Plutarco, Virgilio, Dante, Cornelio, Shakespeare, Molière, M.^{me} de Sévigné, la Fontaine, la Bruyère, Pascal, Fénelon, Racine, Cicero, Tacito, Schiller, Walter Scott, Byron até, tão admiravel muitas vezes em magnificas inspirações, apesar dos desvios da sua musa.

Do que ha de melhor entre os contemporaneos são tambem Lamartine na sua aurora, Victor Hugo antes do orgulho e o odio terem precipitado este archanjo das alturas aonde pairava, os historiographos distinctos e os oradores illustres da actualidade. Quero-os todos ali, á mão, promptos sempre a descerem (fa a dizer do pedestal), sejamos mais simples e verdadeiros — das estantes.

Deliciosas conversações em que posso estar calado e deixal-os sempre fallar, a elles que fallam tão bem! Conversação commoda, que principia quando quero, que suspendo sem cerimonia para meditar, marcando a pagina que me enthusiasma, hesitando em voltal-a, e que torno a começar sem precaução oratoria e sem circumloquio!

Pessoas ha que desejariam ter conhecido os escriptores celebres dos passados tempos. Mas, infelizes, vós conheceil-os. Em suas obras vos legaram elles tudo quanto possuíam de mais precioso, de mais excellente: a intelligencia, o coração, o genio, a alma. Em seus livros reproduzem-se completamente. N'estes é que deveis prócural-os.

Quando lêdes o *Discurso sobre a Historia Universal* ou quando tendes diante dos olhos as orações funebres dos dois Henriette, das quaes o celebre bispo Meaux fez presente ao abbade de Rancé, o reformador da Trappa, cuja historia

veridica o abbade Dubois publicou, como «duas caveiras assás expressivas», dignas de figurarem na cellula de um solitario, não sois tão feliz qual o insigne Condé, passeando com Bossuet debaixo da agradável sombra dos arvoredos de Chantilly, «ao ruido d'aquellas aguas que não cessavam de murmurar noite e dia», e que ha muito tempo se recolheram ao silencio?

Não ouvís a sua imponente voz trovejando na tribuna, quando voltaes a pagina da *Oração funebre da Princeza Palatina*, em que elle exclama: «Que alcançaram pois estes raros genios?!»

Não ouvís suspirar a alma terna e christã de Racine nos córos de *Esther*, e o perpassar do genio, como aguia de azas abertas, nos immortaes versos de *Athalia*?

Não vos apparece, em toda a magestade da sua elevada estatura, o antigo Cornelio, quando o Cid exclama:

«*Que appareçam esses navarros, mouros e castelhanos!*»

E quando o velho Horacio, quasi tão egregio como o antigo Cornelio, deixa sair da sua boca romana o famoso

Que morresse, elle!

Ah! por favor, enquanto estou com os meus auctores predilectos, não deixeis entrar aqui nenhum importuno. Agora que converso com elles, tambem só a elles pertenco. Deus! se algum cidadão da immensa tribu dos tolos que, segundo a expressão do poeta, têm sido sempre em maioria depois de Adão, violasse a senha; se viesse trazer-me as noticias do dia, o disparate da manhã, um fragmento da chronica em voga recosido n'uma conversação franjada de trocadilhos e de facecias afiambradas; se algum perturbador viesse interromper o meu socego, se derramasse n'este oasis perfumado pelas mais delicadas flores do espirito humano. as miserias, as inepecias, as produções nauseabundas dos escriptores de terceira ordem que Luiz Veuillot estigmatizou em um improviso artistico nos *Perfumes de Paris*; se esses photographos ambulantes, que vem inventariar a nossa mobilia e as nossas pessoas, e que n'um abrir e fechar de olhos vos descrevem qualquer homem desde o barrete de veludo até aos calções inclusivè (os do auctor dos *Livres pensadores* não foram excluidos), apparecessem n'esta solidão como o espectro de Banco ao festim de Macbeth! Quem sabe? Galvaudin, Trivoix, Lupus e Fouilloux talvez ainda voltem. Divulgam o boato de que o espirito transita pelas ruas; mas não acrediteis em tal, correi os dois ferrolhos. Trancae a porta e, se preciso for, fechae as vidraças, porque aquelles mofinos são capazes de entrarem com o aborrecimento pela janella, quando alguém os pozer fóra da porta.

Bastantes vezes, confesso, nos nossos domicilios estreitos e acanhados em que nos vemos obrigados, por causa da carestia do terreno, a medir o espaço com mão avara; bastantes vezes, digo, tenho tido saudades das vastas habitações de outr'ora, que proporcionavam um quarto espaçoso para collocar a bibliotheca, longe das invasões dos importunos, do barulho da rua e até do movimento interior dos outros aposentos! Parece-me estar vendo aqui a sala forrada de

madeira, cujas janellas davam para um jardim, e na qual se encontrava certo socego, um silencio, que cousa alguma perturbava, e aquella quietação que augmenta o encanto da leitura.

Imaginemos o amigo de ler de outro tempo sentado commodamente n'uma grande poltrona e de livro na mão (1). Nada o incommoda, nada o inquieta, cousa alguma o arreceia. Facamos como aquelle rei de Hespanha que, vendo de cima da sua varanda um homem a ler e a soltar clamores de hilaridade acompanhados de gestos vehementes, exclamou que «certamente de duas cousas ũma: ou aquelle homem endoudecera ou estava lendo *D. Quixote*». Que livro é que lê o nosso homem?

Está recreiando-se; ninguem o duvida, basta ver o movimento da sua physionomia e a ruga que lhe faz na face a bôca semi-aberta. Mas qual é o auctor que tem o privilegio de alegrar assim o semblante do nosso imaginario leitor? Qual é a obra de que se occupa?

Será porventura um d'aquelles agudos pamphletos, em que Voltaire dava largas á sua veia satyrica, esparzindo ás mãos cheias a mordente ironia e o fel da sua alma sobre aquelles que se atreviam a sustentar os direitos da verdade contra a omnipotencia do seu genio?

Não.

Voltaire tem muito espirito, mas esse espirito é mais malicioso do que jovial. Faz sorrir, e é para repellir o sorriso que vos arranca a sua malignidade. Voltaire não faz rir, é malevolo de mais.

Será Scarron com as suas chocarrices que, no principio do seculo aureo, foram acompanhadas do prodigioso exito com que Boileau se indignava?

Será a *Ereida disfarçada*, e estará lendo elle a celebre descripção da Elyséa, essa patria das sombras onde se via

*L'ombre d'un cocher,
Qui, tenant l'ombre d'une brosse,
Nettoyait l'ombre d'un carosse?*

Não.

Nas maiores jovialidades de Scarron ha sempre o que quer que é de constrangimento. A sua facticia jucundidade demonstra quanto lhe custava o riso no meio dos soffrimentos. Ri, para não chorar; é o que se deprehende. Scarron não ri, escarnece.

Será Beaumarchais?

Folheará o nosso leitor ideal o *Barbeiro de Sevilha* ou a comedia do *Casamento de Figaro*, a *Louca jornada*, como lhe chamou o proprio Beaumarchais, que o seculo XVIII, já com um pé na ladeira conducente ao fundo do abysmo das revoluções, se comprazia em escutar, esquecendo o decurso das ultimas horas tranquillias, a tempestade de 1789 que principiava a levantar-se, e a onda das idéas subversivas e das paixões anarchicas que vinha quebrar-se já nas muralhas sociaes?

Não.

Uma qualidade ha que falta á parte comica, assim como ao estylo de Beaumarchais: a natu-

(1) A gravura que na *Semaine des Familles* (d'onde traduzimos) acompanha este artigo, representa com effeito um risinho velho em traje do seculo anterior, sentado em frente da estante, e tendo entre mãos um livro que figura ler.

ralidade. Cansa por fim a gargalhada perpetua contra tudo o que existe. Admira-se sem duvida a portentosa profusão de espirito; mas ouve-se o som do fusil que, ao bater na pedra, produz scentelhas. No fundo de todas as personagens revela-se Beaumarchais, o proprio que fez de si uma perfeita pintura no *Figaro*. Beaumarchais não diverte, porque não é alegre. Persegue a alegria sem a alcançar, e só chega ao motejo que é d'ella a caricatura. Não ri, zomba.

Ah! até que finalmente adivinho o livro que enleva o nosso leitor, cuja physionomia jovial respira uma alegria franca. Adivinho-o em consequencia da hilaridade que reina por todas as suas feições e que lhe entreabre a bôca para deixar transparecer um riso de agrado. Lê Molière, Molière o nosso illustre e verdadeiro comico! E de todas as comedias de Molière, apostaria de boa vontade que aquella, que lhe promove este accesso de hilaridade, não é nem o *Misantropo*, nem o *Tartufo*, nem as *Mulheres sabias*. Deve ser o *Burguez Gentilhomem*, a menos que não seja o *Doente imaginario*.

EDUARDO A. ROCHA DIAS.

O D. JUAN DE J. ZORRILLA

(Continuado de pag. 364)

Agora que os mares politicos de Hespanha tentam submergir em suas vagas uma dynastia e uma sociedade, bom é recordar o nome de J. Zorrilla apostolo das glorias hespanicas, ao lado de Prim, Caballero de Roda, Serrano e Topete, centuriões dum tumulto dynastico e por ventura fiadores de melhores dias para a sua patria.

Dos *Cantos del Trovador* escolhi para assumpto deste capitulo a lenda quarta, que o auctor intitulou *Margarita la Tornera*, e melhor fôra que a inscrevesse *El D. Juan*; porque o auctor se propoz retratar o caracter de D. Juan e nesta lenda a historia de Margarida é um puro accidente, como se apresenta aos olhos de quem ler.

Escolhi esta lenda hespanhola do D. Juan porque este typo eterno e universal do libertino é o retrato fiel do nosso seculo, em que a justiça é devassa, a moral corrupta, a religião prostituida, e a verdade arbitraria, como as accões do sacrilego hespanhol. Seculo inconsciente, revolucionario e anormal: tal foi D. Juan. De todos os sacerdocios se abusa: D. Juan abusou de tudo; da Justiça, do Direito e da Religião. Este typo que é tão velho como o mundo, que é cosmopolita, porque vive em todas as instituições e sociedades, pertence especialmente á Hespanha, porque foi lá que pela primeira vez o encontraram. Surprehendeu-o Gabriel Tellez, o amigo de Lope de Vega, e um dos poetas mais notaveis da Peninsula. D'este personagem mysterioso como Ashaverus e Fausto, compoz um dos melhores dramas que ha em lingua hespanhola *El burlador de Sevilla*. E com quanta injustica se esqueceu este drama? Depois da opera de Mozart, do D. Juan de Byron e do drama de Molière, imitadores de Gabriel Tellez, quem vae falar do modelo? O D. Juan de J. Zorrilla é uma imitação de todos estes, nem podia deixar de ser, se o padrão é invariavel e o caracter de D. Juan é o mesmo em todos os paizes. O que distingue os artistas, que d'elle se occupam, é a fôrma; e a este respeito não podemos elogiar J. Zorrilla. Depois de

Tyrso de Molina e Byron que poeta ousaria falar do eterno bandoleiro do amor? Byron fez do seu heroe um typo universal, que só conhece que é d'Hespanha pelas aventuras que lá teve em creança com D. Julia; de paes, de parentes e amigos não se lembra; cavalleiro andante da poesia amorosa, todo o mundo é seu. Um homem d'estes devia morrer impenitente, e assim é. No poema de Byron o libertino não pede á hora da morte um padre que o confesse e lhe deite a absolvição. A orgia do seculo é o festim eterno de D. Juan; para elle não ha arrependimento nem saciedade, como em J. Zorrilla. O assumpto ficou esgotado por Byron, porque este não era poeta que deixasse obra em meio. Se D. J. Zorrilla queria tratar este assumpto, porque a lenda era mais hespanhola do que allemã, franceza ou ingleza, porque não personificou em D. Juan os costumes corrompidos de seu tempo e principalmente de seu paiz, como Byron personificou os da humanidade e especialmente os próprios? É porque o poeta d'Inglaterra escrevia para a humanidade, a quem não dava satisfações porque era Byron, e Zorrilla escrevia para hespanhoes a quem desejava moralisar. Byron fazia alarde de seus vicios, Zorrilla queria reprimil-os. Presente-se esta boa intenção de Zorrilla, quando avilta o character de D. Juan, fazendo-o supersticioso, timido e até covarde por alguns instantes, voltando arrependido ao tumulo de seu pae Gil d'Alarcon, como Juan Tenorio de Molina. Este defeito artistico é desculpado pela intenção moral do auctor, mas o character do heroe rebaixa-se. A parte outros defeitos que são communs a todos os *Cantos del Trovador* taes como a excessiva caracterisação dos personagens e a côr carregada dos quadros, que ficam sem luz, porque a tempestade não cessa de bramir, o vendaval ruge, as ventanas sibillam, a noite é caliginosa..., n'esta lenda encontramos estrophes de muito mimo, scenas muito delicadas, transições sem difficuldade e dialogos bem travados. D. Juan nasce em Palencia *dando la muerte á su madre*, seu pae Gil d'Alarcon, velho temente a Deus e abastado, manda educar seu filho a Valladolid; aqui o inquieto rapaz joga as cabeçadas com os condiscipulos e mestres, e depois de expulso recolhe á casa paterna, d'onde por artes diabolicas consegue illudir uma joven, quanto formosa, Margarida, que n'um convento fronteiro exercia o officio de rodeira. A aventura começa,; a innocente Margarida acredita que é formosa, quando D. Juan a manda vér ao espelho

Oh! soy hermosa?

Y encerrada me consumo,
Y se pierden como el humo.
Mis dias de mas valor...

Resolve-se a fugir do convento, mas ha de ir despedir-se da sua tão desvelada Senhora da Conceição, para quem todos os dias cortava flôres na cerca, e ante quem todas as noites ia accender um lampada e orar. Que saudade, que amor, que religião na despedida da innocente noviça!

Ya ves que al fin es preciso
Que deje yo tu convento
Mae ya sabes que lo siento
Oh virgem mia! por ti...
Y puesto que de el sacar-te
No puedo en mi compañía,
No me abandones, Maria,
Y no te olvides de mi.

E a Virgem não a abandonou. D. Juan prepara-se com alguns dinheiros que rouba a D. Gil e parte-se com Margarida para Madrid. Ahi faz-se jogador, arrasta para seu leito a bailarina Sirena e mata o seu antigo condiscipulo D. Gonzalo. Margarida é despresada. D. Juan foge d'ali e n'uma bella manhã deserta da estalagem, onde pernoitára, e esquece completamente a sua victima. Margarida é levada a Palencia por uns desconhecidos viajantes e ali defronte do seu convento chora as virtuosas lagrimas do arrependimento e regenera-se. Um dia entra na egreja, e qual não foi o seu espanto, quando diante de si vê uma religiosa que tem o seu talhe, os seus olhos, a sua fala, a sua idade, o seu manto, o seu nome, os mesmos annos de convento e o mesmo anno de rodeira! Margarida cahiu de joelhos, e a visão miraculosa antes de desfazer-se ou desaparecer no ar, lhe diz:

Te acogiste al huir bago mi amparo,
Y no te abadoné: ve todavia
Ante mi altar ardiendo tu bugia:
Yo ocupé tu lugar, piensa tu en mi!

Margarida, que na sua ausencia fôra substituida pela Senhora da Conceição, recolhe-se ao convento e continua seu emprego de rodeira. Depois d'este episodio D. Juan vae encontrar seu pae moribundo, que lhe pede uma pequena coisa que o filho nunca cumpriu. D. Gil morre e D. Juan vae desperdiçar sua herança a Madrid, onde encontra Sirena, onde mata, fere e derruba muitos policias commandados pelo alcaide Aguilera. A justiça persegue-o e elle foge para a Italia, d'onde volta a Palencia pobre e esfarrapado, como um ladrão. Procura o tumulo do pae, onde encontra um papel, que lhe aconselha a forcea. O homem vae suicidar-se, mas a trave despega-se do tecto arruinado e o homem conhece que os seus dias não estão contados; retira-se para a França e por lá acabou o resto da existencia, sabe Deus como. Aqui está todo o D. Juan de Zorrilla, qual o encontramos na *Margarita la Tornera*. O pensamento moral do auctor em tudo se revela, na maldição proferida por D. Gil d'Alarcon, no castigo do filho, na seducção de Margarida e no seu arrependimento. Vê-se claramente que foi mutilado o typo de D. Juan, e que para isso concorreram muito as ideias religiosas do auctor e do publico para quem escrevia. No D. Juan de Molière, que este escreveu com o titulo de *Festin de Pierre*, e que não passa d'uma ignobil imitação do *Seducor de Sevilla* de Tyrso de Molina, encontramos o mesmo defeito.

É um tratado de Moral dramatisado. Cada actor é uma especie de escholar que vem ao theatro recitar a lição do Larraga. O poeta quiz deixar nos cantos do Trovador um quadro das muitas virtudes civicas e religiosas que distinguiram seus maiores e ao mesmo tempo condemnar algum vicio que entre elles descobrisse. Os seus contemporaneos precisavam d'este exemplo e excarmento. Por isso elle foi um poeta providencial, necessario e popular. Por isso o adoramos, embora o consideremos a outros respeitoos muito inferior a seus contemporaneos. Moralisar é abrir o caminho do futuro. Venham outros Zorrillas, que são precisos.

Elvas, outubro de 1868.

J. SIMÕES DIAS.